

Fios de Linguagem*

Dimas Macedo

Em princípios, devo declarar que aqui me encontro não para lhes falar de teoria literária, de um modo geral, pois desta desconheço os maiores segredos, apesar de haver elegido o mito da comunicação literária como a instância na qual me explico e ilumino os descaminhos da minha existência. Gostaria de lhes falar do ofício no qual me exercito e pelo qual me empenho: a arte de tecer fios de linguagem que se insinuam na travessia do sonho e se derramam pelos espaços porosos da metáfora sem a possibilidade de serem estancados pelo entretenimento da vida.

Particularmente, gostaria de lhes falar do fazer literário, o doce ofício de verbalizar os sentidos, o fazer literário que para mim não representa um estado de ócio, mas o lugar do desejo e a decisão de tomar partido em defesa de uma arqueologia que tem implicações com o ato de viver. O ser, o conhecimento e a linguagem são elementos que de perto e como ponto de partida me interessariam. Vivo enquanto sinto a necessidade de exercitar a imaginação e de interferir no nível do discurso que busca interpretar a trajetória do homem e a minha própria trajetória.

Entendo, desta forma, que a literatura, como toda manifestação artística emergente da criatividade do homem, existe para provar que a vida por si mesma não se justifica. A literatura faz-se mensagem para que o homem se conscientize que a sua existência é solidária e que o ato de viver não representa apenas uma descolorida ilusão, mas um estágio do existir que implica no desejo de criar, de mapear propostas em que a liberdade do homem e a sua humana condição possam assomar como forma de permanente atualização do nosso imaginário e das nossas lúdicas reservas existenciais.

* Depoimento prestado nos Encontros Literários da UFC, em 1º/7/1992.

A literatura não seria assim um desabafo, como pensam alguns, nem um estado de ócio, como querem os demais. A literatura seria antes uma confissão da revolta e uma denúncia da automação que aferrou o homem aos descaminhos da sua atividade de fluir a dialética da vida e de sentir prazer, de amar e de produzir a aventura do sonho, sem nunca se deixar reproduzir ou se alienar, a não ser em favor de uma causa comum, próxima do seu sonho e da sua liberdade, na qual o seu corpo e os seus devaneios imaginativos se pudessem confundir e se insinuar como uma nova proposta de ação.

Se assim não se apresenta o desenho do cotidiano, é porque o homem, distraído pela sedução da comodidade material, fórmula da sociedade contemporânea, terminou se confinando na sua solidão, se distanciando do sonho, morrendo sem a consciência de que o ato de morrer, assim como o ato de viver, poderia se constituir numa proposta de amor. Neste quadro cabe ao escritor, investido na sua função superior de artista, pensar o que as outras pessoas não pensaram e registrar, com as tintas da sua linguagem cifrada, aquilo que lhe foi possível conceber do esquecido e do vagamente lembrado em cada um de nós, anunciando assim as profecias de um novo tempo, quando não aspergindo luzes sobre a melancolia e as tragédias do mundo e levantando instâncias de interpretação da realidade na qual lhe foi permitido inserir as raízes da sua produção.

Sim, porque nenhum escritor, até hoje, foi capaz de fundamentar sua obra exclusivamente na dimensão do etéreo, mas na projeção do criado, melhor, do produzido pelo esforço comum. Entendo que a ficção não é abstração, mas realidade, cada obra refletindo um pedaço de mundo que a cada escritor foi permitido conhecer, cada escritor interpretando o mundo a partir das suas circunstâncias e nos limites das suas perspectivas existenciais, incorporando como que ao seu universo verbalizado as suas ideologias e as suas medidas de valor, sendo ao ficcionista, principalmente aos autores da longa ficção, dada a primazia de melhor tipificar, figurativamente, a moldura da sociedade na qual desenvolveram os seus projetos existenciais. Veja-se neste sentido

as obras de Balzac, de Tolstói, de Graciliano Ramos ou de Assis Brasil como modelos distintos de concepção de vida e de sociedade tanto no século passado quanto no século atual, tendo-se presente que a ficção não é nada mais do que isto: um retrato fiel da visão de mundo e dos valores materiais e concretos da sociedade na qual o autor se inseriu e o escritor se mostrou revelando as suas conveniências pessoais.

Entendo, ademais, que a poesia, um pouco diferente da ficção, representa uma recriação verbal da linguagem, melhor dizendo, uma descoberta dos segredos lingüísticos componentes do mundo do ser, a qual permite ao poeta expressar os devaneios da imaginação com que busca se comunicar com um projeto de mundo que não se explica suficientemente como realidade do criado. Daí o significado da linguagem muitas vezes cifrada com que os poetas exteriorizam os seus sentimentos. No segredo de cada palavra, na insinuação de cada metáfora e na simbologia dos signos e expressões poemáticas é que se deve buscar a interpretação do poema e a sua significação essencial.

Sem a marca pessoal e característica do estilo não se pode falar na existência de uma poesia com maior ou menor comprometimento social nem nas possibilidades da sua decodificação. Falo em comprometimento porque não acredito na neutralidade do texto poético, como não acredito na neutralidade da literatura. A escrita, como já nos ensinou Rolando Barthes, nunca pode ser tomada como um instrumento neutro. Invenção misteriosa apta a denotar os inesgotáveis labirintos da língua e os seus intrincados caleidoscópios, a poesia, de forma absolutamente indiscutível, constitui o conhecimento possível localizado entre a apreensão do mito da linguagem e o exercício do plano da ação, cujo domínio, ao contrário do que comumente se pensa, parece reservado a apenas uma elite do saber, no caso aquela que transcende à face desvelada da inteligência para penetrar nos arcanos situados fora do universo da lógica e da razão.

Desta forma, além de se constituir como proposta de compreensão do mundo e do homem, a poesia espelha igualmente o

tecido e o ritmo da linguagem em forma de desejo e de revelação. Por trás do rosto do poema se encontra a mágica da metáfora e é unicamente a partir da mágica da metáfora que a poesia começa e que termina por se realizar, inserindo assim o poeta, no empreendimento metafórico, a sua experiência vivida ou idealizada e a sua sugestão do refazer a trajetória da vida cultural.

Nesta perspectiva, é inadmissível que a poesia não seja também uma catarse. De outro modo: é inadmissível que a poesia não seja o lugar do discurso no qual o poeta se insere com as suas leituras e exterioriza a verbalização das suas necessidades e dos seus excessos, visando com isso a projetar o seu imaginário num universo mais abrangente e diversificado, expressando assim, através dos signos da comunicação, o sentido mais lúcido da libido, do amor, da política ou do mistério, sempre que provocado pelas malhas da paixão ou do instinto ou quando ressangrado pelas suas interrogações interiores.

Consciente dessa dimensão lúdica e simbólica do poema, não posso aceitar os argumentos que tentam explicar a poesia através de uma lógica exclusivista e sistemática, que encastela e rotula o poeta e lhe impede qualquer liberdade de ação, como se ele não vivesse e atuasse dentro de um determinado contexto social. Não acredito, portanto, na existência de uma poesia exclusivamente intimista, mas na existência de uma poesia enigmática e simbólica. A apologização de uma poesia intimista, me parece, esconde a incapacidade da crítica, que não raro, pelos menos na tradição literária brasileira, tem se mostrado anacrônica e revestida do sentimento de empáfia.

Aliás, se lançarmos um olhar sobre os horizontes e as possibilidades da crítica, especialmente sobre o papel que ela representa para o deslinde da ambiência literária fermentada no século atual, chegaremos com certeza à conclusão de que crítica, em verdade, por se pretender petulante e formalista, terminou se convertendo numa atividade teórica de conotação meramente estrutural, num exercício discursivo, por assim dizer, abstraído da mundividência literária, da realidade efetiva na qual o empreen-

dedor de textos literários busca inserir as raízes da sua produção, sem contar que a avaliação de textos literários, desta forma, vai se desenvolvendo em sentido eminentemente técnico, sem que se faculte ao intérprete a oportunidade de penetrar nos fundamentos do processo de criação ou de automação, no universo mesmo onde se instaura o conflito do acontecer político e social, na ambiência de dimensão sociológica que sustenta as aspirações do escritor.

Não adianta insistir, nem argumentar: se existe uma estética da recepção, a crítica tem que se conflitar com o autor ou com o escritor – se um se autoriza e o outro se revela na medida das suas conveniências é porque as relações de poder estão por cima ou por baixo de ambos e o crítico também está no cenário, como ator e como personagem principal, muitas vezes alguém ou além da boca de cena: é dele sempre a melhor posição, o lugar de onde se permite olhar melhor o espetáculo. O escritor está a descoberto mas também falseia. Finge que diz a verdade mas esconde o jogo. O autor precisa viver. O crítico precisa dizer o que quer, mas não diz. E a crítica não perde por esperar, nem ganha.

É na simulação desse jogo de artifícios que a literatura exerce uma das suas funções essenciais. Entre as instâncias daquilo que encenamos e daquilo que pensamos e guardamos conosco se interpõe um hiato, que se revela enquanto transparência, mas que se cristaliza enquanto transposição e obstáculo. Quem se mostrar capaz de fustigar as suas arestas verá a face da condição humana que a expressiva maioria desconhece, mas que se expressa no comportamento dos homens ou na linguagem do corpo, principalmente através do consentimento, da rejeição ou das malhas do olhar. Os críticos conhecem ou pelo menos deviam conhecer a travessia desse abismo tormentoso, não se justificando a atitude daqueles que se agarram unicamente a expressões conceituais da gramática ou que se valem da interpretação do texto pelo texto como forma de justificar as suas posições. A capacidade de discernir é a faculdade que leva o crítico ao processo de reconstrução dos sentido da obra. A atividade demolidora da

crítica, através da aferição tão-somente dos valores estruturais do discurso, não recepciona a estética, pois além de destruir a gestação da proposta literária, corrói a sua significação fundamental. Da mesma forma que Guimarães Rosa não cabe em nenhuma forma gramatical ou estilística, ao crítico não cabe afagar a ilusão de que os parâmetros da ciência literária são capazes de medir o contexto da obra. A compreensão simbólica e contextual do estilo é a porta de entrada no mundo que o escritor intenta cogitar. A tarefa de recepção da estética implica no conhecimento e na aceitação, por parte do crítico, desse pressuposto de análise do texto.

Porém eu não coloco apenas o crítico no lugar da recepção da estética. É claro que tenho que me referir aos outros leitores, principalmente aos leitores que nunca leram, como no caso do Brasil, onde a aventura de ser escritor revela a face mais simplória do quixotesco, que não deixa de se refletir no quixotesco do homem comum, que não lê e finge ter piedade do escritor, para o qual a elite burguesa sempre está a pedir sentimento de comiseração, porque não aceita discutir as necessidades do homem: lhe basta a satisfação das suas necessidades materiais, o que não é pouco.

Aliás, num mundo em que constantemente se atenta contra os postulados da humanização e no qual a aventura da sensibilidade parece naufragar abatida pelo desencanto e a falta de amor, não deixa de ser alvessareira a constatação de que o escritor não se envergonha de praticar aquilo que a expressiva maioria da sociedade decidiu rejeitar.

Na verdade, enveredar pelos mistérios da arte ou se assumir escritor num mundo de violência e intranqüilidade como o que ora vivenciamos, no mínimo se constitui um ato de bravura, um ato de bravura, repeti, cujo autor ainda corre o risco de não ser compreendido pela insensatez e a intolerância dos demais.

Portanto, estou consciente desse desafio sempre que decido escrever, e mais consciente ainda quando resolvo publicar o resultado das minhas reflexões. Empunhando a bandeira do sonho, acho melhor que vale a pena resistir, mesmo quando se está

no anonimato, pois a nós, escritores, nada mais nos é tão perdidamente cativante do que plantar a semente da utopia e colher no imaginário da dúvida o fruto que nos oferece a árvore da fraternidade e da compreensão.

Como escritor costumo dizer que me ilumino e me explico nas entrelinhas da minha escritura, que nos geral possui variações que nem sempre se conciliam ou se dirigem para uma determinada área do saber, o que me permite avaliar que ainda não estou de acordo comigo mesmo quanto à opção por uma estética de feição eminentemente literária ou se continuo a me valer de outras falas existentes para expressar a minha visão da face do conhecimento que me foi possível absorver. Tenho consciência, entretanto, e com isto estou de acordo, que a linguagem literária constitui o melhor instrumento de explicação da verdade e de todos os mitos e enigmas que o homem, desde a mais remota antiguidade, carrega dentro de si e tem procurado exorcizar, sem lograr maiores proveitos. Eterno Sísifo na sua estranha aventura de olhar para dentro de si mesmo e de se refletir na tragédia coletiva que ajuda a encenar, por maior que seja o seu grau de interiorização, o escritor não pode deixar de enfrentar este dilema: vive num mundo povoado de repressões e de conflitos, um mundo que por si mesmo não se justifica, mas que precisa ser explicado. Daí a aventura do escritor e a sua face de eterno Prometeu. Para isto a tragédia da arte, que reflete a tragédia da vida, que jamais pode deixar de ser ambivalente e dialética.

Enquanto poeta sou esse ser ambíguo que a minha poesia revela, extremado e passional na minha atitude de exorcizar mitos e fantasmas que insistentemente interferem na minha atividade existencial e que me têm obrigado a enfrentar um acirrado duelo entre as instâncias do sentir e do dizer, entre a idéia e a palavra, entre o discurso que verbalizo e o sentido que deixo de verbalizar. É esta a minha ótica de interpretar a arte e de me decifrar como intelectual e enquanto escritor. E nada mais justo para um escritor do que assumir a sua verdade mais persistente e espancar em seus textos os demônios da sua ambivalência e das suas cogitações transcendentais.

Devo declarar, ademais, que a minha obra não possui uma unidade temática e que ainda não estou seriamente preocupado em enveredar por um determinado gênero. Sei apenas que a crítica literária e a poesia refletem os tipos de gêneros nos quais melhor me ilumino e melhor exercito as minhas inquietações. Me considero um poeta. Sei que sou um poeta, mas não saberia avaliar se um dia me tornarei um crítico literário maduro. Sei que possuo algumas ferramentas para tanto. Acho que sei manusear algumas expressões própria da linguagem da crítica. O resto tem sido uma profunda intuição e uma irrecusável vontade de ser parte do universo onde os críticos literários se escondem.

O fato de haver selecionado em Universidades, na área das ciências humanas, e de ter minha formação profissional exclusivamente ligada ao mundo do direito, é claro que fui obrigado a pensar a teoria das ciências humanas, especialmente a teoria política e o direito constitucional, em cuja esfera elaborei a minha dissertação de mestrado, sobre o imaginário da crise institucional brasileira, tendo produzido ainda no âmbito da teoria do direito um volume de ensaios sobre a pesquisa transdogmática e a filosofia da linguagem jurídica, o que me levou a uma aproximação do método tópico e assistemático de abordar os desafios da hermenêutica.

Me assumo, portanto, um pesquisador de cariz anticartesiano, comprometido com um modelo de interpretação que tenta aprofundar a compreensão dos contextos a partir da aferição das suas aporias. Vivemos num mundo em que as avaliações conjunturais não mais se justificam nem explicam a verdade dos fatos. A existência se tornou complexa, o mito da comunicação ampliou o conhecimento superficial da realidade e passou por cima das aspirações e esperanças do homem, acorrentando-o às engrenagens da servidão social, fazendo-o escravo das patrulhas ideológicas que caracterizam a sociedade contemporânea e que nele se postam sempre a serviço de uma lógica exclusivista que corresponde à ampliação do conceito de Estado que a revolução burguesa engendrou e paramentou com os seus ordenamentos jurídicos.

A lógica que a visão sistemática e cartesiana tem elegido para explicar os enigmas da sociedade contemporânea e os seus modelos corresponderia, portanto, a uma lógica perversa, porque esquece de contemplar o conjunto das liberdades do homem e as suas necessidades materiais, em que pese ao liberalismo burguês ter recorrido ao ideário do individualismo como forma de justificar a sua proposta de ação. O crescente sentido do corporativismo instaurado na máquina do Estado Capitalista e difundido no âmbito das instituições da sociedade civil, agravado pela burocratização do Estado de inspiração socialista, que em nome de um segmento da sociedade se apropriou do controle do poder social, é verdade que passou por cima da consciência que o homem comum tem procurado acender como forma de manutenção dos seus potenciais de dignidade, que a cada dia mais e mais têm sido corrompidos.

Dentro deste contexto, portanto, o escritor não pode se sentir sozinho: ele tem a obrigação de se sentir fazendo parte do todo e de superar as suas individualidades em favor de uma causa comum, sem a necessidade de empunhar a bandeira da literatura tendenciosa e de combater nas trincheiras do engajamento, que constituem uma cômoda maneira de escamotear a realidade e de fugir do enfrentamento das suas aporias.

Fica claro, desta forma, que não concordo com a prática da literatura engajada, nem a prática de uma estética literária que não tenha compromisso como desespero do homem, pois ambas resvalam para uma forma de alienação que não interessaria à teoria da literatura discutir. Concordo, isto sim, com a militância política do escritor, com o escritor que renuncia às suas conveniências e se compromete com o processo de transformação social, com o escritor que coloca as suas potencialidades de intelectual a favor de uma nova força democrática de poder. O escritor tem que ter este compromisso consigo mesmo: nunca permitir que a sua consciência se ponha a serviço de uma causa que não seja o espelho das necessidades do homem e da realidade na qual o mesmo se encontra inserido.

O dimensionamento desta problemática eu tenho procurado privilegiar no tracejamento da minha obra literária, me parecendo oportuno registrar que tenho me torturado por estabelecer uma coerência possível, ou pelo menos aceitável, entre a minha escritura e a minha prática de cidadão. Meus ensaios parece que têm satisfeito a esta minha exigência e a este pressuposto de vida literária a que me impus.

Apesar de não me considerar um estudioso da teoria literária, não me julgo leigo ao ponto de não perceber que a literatura, por trás da sua aparente neutralidade, esconde uma opção ideológica, na proporção, é claro, e nos limites em que o código lingüístico utilizado permite a visão de mundo do escritor. Na escolha de certas palavras ou expressões, como costumeiramente faço na elaboração da minha escritura, conscientemente articulo os valores que defendo e confirmo o compromisso do meu engajamento social, isto sem perder de vista as marcas individuais do meu estilo e a sua própria significação. É assim que entendendo a questão do engajamento da literatura. De outra forma não saberia suportar os exclusivismos doentios que tentam se impor através do patrulhamento ideológico e da panfletagem, como forma de encobrir a falta de talento de certos escritores que navegam em torno do seu próprio cordão umbilical.

Em que pese ao entendimento de que a vertente da poesia lírica encontra em minha construção poemática um dos seus possíveis ancoradouros, não se pode descurar, no caso, que eu assumo com a mais sentida determinação. Sou um poeta lírico, não resta dúvida, porém bafejado pelo sopro de alguns poemas de evidente conotação social, permeado por um discurso que não considero desprovido de tratamento estético relevante.

No mais, gostaria de consignar que me considero e sou efetivamente um escritor permanentemente insatisfeito com o resultado da minha produção, o que me faz pensar que muito ainda resta a aperfeiçoar na elaboração do meu ofício, quer de poeta, quer de crítico literário, quer de pesquisador da literatura ou da área das ciências humanas.

Por conta dessa insatisfação, me sinto permanentemente ressangrado por um profundo dilema – o de rejeitar ou assumir a maior parte da minha produção. Na proporção em que a compreensão do mundo em mim se vai alargando, vou sentindo que estrategicamente preciso recuar: não me posso mais me olhar e me ver palmilhando os compassos da crise que em mim se reflete exatamente por me haver assumido como escritor publicado.

Luto com a minha obra como quem se digladia com um inimigo implacável e voraz que procuramos a qualquer custo eliminar. Se pudesse passaria uma esponja sobre tudo que já produzi e tentaria começar tudo outra vez, mesmo que para isto tivesse que celebrar um novo pacto de tentações e desafios e de dubiedades e atribulações existenciais.

A literatura, acrescente-se, para mim não constitui um privilégio. Representa uma maneira consciente de viver e de me reciclar, de espancar os fantasmas do meu labirinto interior. Meu compromisso com a literatura, portanto, transcende ao campo fértil das abstrações com que grande parte dos escritores acha proveitoso se ocupar, se dimensionar as exigências eliminadoras da durabilidade e da tradição, com as quais a resistência e o valor do texto literário costumam se armar. O fermento com o qual tempero o desespero da minha produção representa para mim formas superiores de imolação com as quais a arte de tecer fios de linguagem plenifica a alegria das minhas descobertas, na proporção em que sonho a minha utopia particular.

No mais, por conta de uma irresistível incapacidade, aqui já revelada, de me ficar num determinado gênero literário ou num campo determinado onde o saber humano possa se projetar, é que tenho ousado transitar da compreensão da historiografia cearense para o casulo da filosofia da linguagem, embora consciente dos riscos que a minha obra, nestas circunstâncias, passa a assumir. Porém eu não posso deixar de confessar que essa minha ousadia seria melhor conceituada como necessidade existencial e imperiosa, a qual me tem feito assumir compromissos que nem sempre têm correspondido à resistência das minhas reservas pessoais.

Por isto, esclareça-se, é que já me defrontei com o ensejo de testemunhar que os meus projetos de ordem cultural ou literária são quantitativamente maiores do que a minha resistência e a sede de pesquisa que trago dentro de mim. Para realizar a obra que venho projetando daria a minha vida, contanto que pudesse preservar a minha consciência. Sem ela não existo nem me seria lícito sobreviver.

Penso que consumi parte da minha existência com o comprometimento da minha obra. Sinto que preciso de tempo e que o tempo a cada momento se esgota. Quando abandonei temporariamente a Universidade, em junho de 1990, já carregava o fantasma dessa obra monstruosa do meu imaginário mas para cuja execução me considero fisicamente incapaz. Por isto, presenteemente estou revendo os meus projetos e me fixando nos retoques de uma antologia poética, escrita a partir de julho de 1990 e possivelmente concluída em junho de 1992. Trata-se de um espelho desse momento da minha travessia no qual parcialmente me explico e exorcizo alguns dos meus fantasmas. Pensei que somente escrevendo um ensaio conseguiria prestar esse testemunho. No entanto, ele se expressou através da feitura de poemas, o que me deixou um pouco intrigado e ao mesmo tempo surpreso. Estou, por força dessa circunstância, assustado com as possibilidades do poema e convencido de que a poesia é a expressão da arte que melhor explica os desacertos do mundo e as nossas incertezas.

Penso também que o romance pode me arrebatrar e me envolver e me fazer falar de uma visão do mundo que eu não me sinto motivado a discutir, pelo menos enquanto persistir em mim o sentimento de tragédia que os condicionamentos da minha formação de pensador e de artista me induziram a experimentar. O romance, esclareça-se, aqui entendido como o lugar do conflito e das suas projeções em relação com as aparências da vida exterior; o conflito que nasce com as razões do iluminismo e com o estilo de vida burguês e que nos lega as bases de um novo gênero literário em ascensão, que substitui as formas da narrativa poética tradicional por uma concepção analítica dos artifícios humanos e dos seus fundamentos materiais.